



AUTISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS NO PROJETO DE UMA INSTITUIÇÃO ESPECIALIZADA

Patrícia Gonzales de ARAUJO ¹

Annye Picoli SOUZA ²

Josiane Fujisawa Filus de FREITAS ³

RESUMO

O objetivo principal deste estudo foi analisar o desenvolvimento de crianças autistas nas aulas de Educação Física do projeto da Associação dos Pais e Amigos dos Autistas da Grande Dourados (AAGD). Trata-se de uma pesquisa do tipo documental por meio de análise de relatórios do primeiro e segundo semestre do ano de 2016, considerando os seguintes aspectos: Interação social; Coordenação motora; Autonomia; e o aspecto de Comando de voz. Participaram 26 crianças e adolescentes da referida associação. Foi observada a mudança e melhora de comportamento social e cognitivo dos indivíduos nas aulas de Educação Física, desenvolvendo habilidades como coordenação motora fina e grossa, equilíbrio, lateralidade e noção de espaço, concentração e força. Verificou-se que os aspectos de interação social e coordenação motora foram os que mais apresentaram melhora em seus resultados de um semestre para o outro. Conclui-se que a prática de atividade física melhora a interação social, a comunicação verbal e não verbal e a coordenação motora entre outros aspectos das crianças autistas, de forma lúdica e fora dos consultórios terapêuticos.

Palavras-chave: Autismo. Educação Física. Prática Docente. Educação Especial.

ABSTRACT

The main objective of this study was to analyze of the autistic children development in physical education classes of project of the Assosiation of Parents and Friends of Autistics of the Grande Dourados (AAGD). It is a research of the documentary type where they were carried out in analysis of first and second half of the year of 2016, considering the following: social interaction; Motor coordination; Autonomy; and the voice command aspect. Twenty-six children and adolescents from an association for autistic children in the city of Dourados-MS participated. It was observed the change and behavior of social and cognitive use in physical education classes, developing skills such as fine and gross motor coordination, balance, laterality and notion of space, concentration and strength. It was verified that the aspects of social interaction and motor coordination are the ones that present the most improvement in their results from one semester to the other. It is concluded that the practice of physical activity improves social interaction, verbal and non-verbal communication and

¹ Acadêmica do 8º semestre de Educação Física da Faculdade de Educação da UFGD. E-mail para contato: patriciagonzales@outlook.com

² Professora do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Grande Dourados.

³ Professora do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Grande Dourados.



motor coordination among others, autistic children, in a ludic way and outside the medical therapeutic offices.

Keywords: Autism. Physical Education. Teaching Practice. Special Education.

1 INTRODUÇÃO

O autismo foi estudado pela primeira vez na década de 40 por Kanner (1943), que concluiu tratar-se de uma incapacidade que o indivíduo tem de lidar com outros objetos e pessoas e que atinge também o desenvolvimento da linguagem. O psiquiatra caracterizou uma dificuldade no uso da linguagem verbal desses indivíduos, que apresentam hábitos de forma repetitiva e tendem a manter um ambiente sem mudanças (CAETANO; BARROS, 2011).

Segundo Joseph (2016), o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos a prevalência mais atual do Autismo na população norte americana era de 11,3 em 1.000 crianças, ou 1,13%. A Associação Brasileira de Autismo (ABRA) em 1997 calculou que no Brasil existem aproximadamente 600 mil pessoas com autismo, uma estimativa de 0,62% da população. Na região da Grande Dourados, localizada no Centro-Oeste brasileiro, cada 60 famílias possui uma criança autista (AAGD – Associação de Pais e Amigos dos Autistas da Grande Dourados, 2016).

A Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 15), destaca que:

Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil.

Segundo Joseph (2016, p. 3) “A terminologia para Autismo relaciona-se com as características associadas e a classificação diagnóstica do transtorno desenvolvida pelo sistema de classificação do Manual Diagnóstico e Estatístico do Transtornos Mentais (DSM) e da Classificação Internacional de Doenças (CID)”.

Na Lei nº 12.764, a qual trata dos Direitos da Pessoa com Autismo, publicada em 2012, em seu Artigo 3º, – Direitos da pessoa com transtorno do espectro autista – o item IV trata da acessibilidade, destacando o direito à educação e ao ensino profissionalizante.



Educação esta que deve ser oferecida na rede regular de ensino, no processo de inclusão escolar.

Entende-se por inclusão a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa, que deve estar orientada por relações de acolhimento a diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidade de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida (BRASIL, 2001, p. 8).

De acordo com Bezerra (2012, p. 6 - 7).

A escola e o professor têm papel fundamental no processo educacional da vida de qualquer pessoa e, em se tratando de crianças autistas, isso não é diferente. O fato é que se faz necessário uma ótica distinta, um nível de atenção essencialmente maior que com outras crianças, mas que, fazendo uso de métodos adequados e elaborados estrategicamente é possível proporcionar um desenvolvimento de capacidades físicas e cognitivas dentro do procedimento de estimulação da interação e autonomia das mesmas.

Assim, todas as atividades oferecidas nas aulas do projeto da AAGD contribuem de forma significativa na inclusão das crianças autistas, melhorando aspectos como interação social e autonomia para realizar atividades diárias na vida e na escola. A fim de que as crianças com autismo não permaneçam com dificuldades cognitivas, afetivas, psicomotoras e de interação, é necessária uma intervenção o mais cedo possível. Sendo a Educação Física capaz de colaborar com a melhoria de suas habilidades motoras e suas habilidades da vida diária (HEBDERSON, 1992 apud GORLA, 2001).

Segundo Tomé (2007), o uso da Educação Física como meio de ensino para a criança com autismo ajuda no desenvolvimento de suas habilidades sociais e melhoria da qualidade de vida. O professor de Educação Física para pessoas com autismo, está envolvido no processo de aprendizagem e socialização, e não somente deve priorizar questões de aprimoramento físico, mas auxiliar no vasto conjunto de interações sociais, comunicação e comportamento.

A Educação Física como meio pedagógico tem contribuições significativas às pessoas com Autismo, sendo que, seus conteúdos abrangem todo e qualquer corpo, independente do estado cognitivo, diferenciando-se apenas pelas estratégias metodológicas desenvolvidas (BEZERRA, 2012).

Colaborando com essa ideia, Santos (2011, p. 66) afirma que “o nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de ensino para esses alunos”, observando a



coordenação motora ampla, fina e viso-motora, percepção, imitação, performance cognitiva, cognição verbal e as áreas de relacionamento como: afeto, brincar, interesse por materiais, respostas sensoriais e linguagem.

É importante saber que ferramentas pedagógicas podem ser usadas para colaborar com o avanço da criança autista, o brincar é uma possibilidade pedagógica encontrada dentro da diversificação de conteúdos da Educação Física. Dessa forma, a Educação Física colabora diretamente com o desenvolvimento das crianças com autismo, vale lembrar que não é somente planejar as aulas com os materiais necessários e local adequado, o profissional deve ter boa desenvoltura de estratégias para que possa intervir levando em consideração possíveis e necessárias adaptações durante um projeto ou uma aula previamente planejada. Sendo além de um profissional, um companheiro apto a ajudar a criança a superar suas dificuldades (FALKENBACH; DIESEL; OLIVEIRA, 2010).

Para Tomé (2007), o profissional deve utilizar atividades coerentes com a realidade da criança em função do espectro do autismo, caso contrário pode dificultar a aprendizagem e até mesmo causar frustração. É necessário usar um local que não tenha muito estímulo visual e auditivo, pois o aluno pode se distrair e perder o interesse na atividade. As atividades devem ser selecionadas conforme a idade cronológica, atividades com começo, meio e fim, tais como circuito com obstáculos, transposição de objetos, mudanças de direção, equilíbrio dinâmico e estático, saltos, lançamentos e jogos de bola ajudam na aquisição de habilidades motoras (LABANCA, 2000 apud TOMÉ, 2007).

Marocco e Rezer (2010), observaram o desenvolvimento de dois sujeitos com autismo, uma mulher de 26 anos e um menino de 16 anos de idade onde ambos frequentavam a instituição especializada APAE. Em ambos os sujeitos foram exploradas formas, intensidades, velocidades, frequências e sequências de movimentos, com e sem auxílio, estes movimentos se desenvolveram respeitando as limitações dos sujeitos. Após as intervenções, os pesquisadores constataram que o oferecimento de atividades deve basear-se no que a criança gosta, não impondo algo que ele nunca teve contato ou não gosta, acrescentando novidades conforme a criança for se adaptando (MAROCCO; REZER, 2010).

Souza e Fachada (2012), realizaram uma pesquisa através de questionários em forma de entrevistas com 11 familiares (pais e mães) de crianças autistas, participantes do Projeto social da Universidade Castelo Branco (PNE SPORTS), no estado do Rio de Janeiro com a



intenção de constatar como as atividades físicas propostas estavam ajudando na reconstrução sócio familiar. Verificaram que as atividades propostas além de melhorar o condicionamento físico da criança autista, melhoram a integração social, diminuem padrões estereotipados e melhoram a concentração. Introduzir uma criança autista em uma atividade física seja ela individual ou coletiva exige uma atenção especial do Professor de Educação Física. A elaboração de um programa de atividade física para a criança autista deve ter como principal objetivo socializar a criança e melhorar a base familiar. A dificuldade de socialização do autista deve ser vista como um grande desafio para o professor de Educação Física, sabendo que em muitos casos a criança preserva sua inteligência, cabe ao professor desenvolver atividades que estimulem a integração, cooperação e o trabalho em grupo. (SOUZA; FACHADA, 2012).

A vivência com o projeto de estágio, desenvolvido na associação para crianças autista foi à motivação para a escolha do tema. O enfoque principal se deu através da análises dos registros contidos nos relatórios realizados após cada aula, com as informações sobre o desenvolvimento de cada aluno estudado. Assim, a relevância deste projeto de pesquisa está em despertar o interesse naqueles que se dedicam a estudar a prática pedagógica, contribuindo para um maior aprofundamento na Educação Física. Dessa forma, os dados da pesquisa contribuirão para a inclusão e um maior conhecimento do autismo na sociedade. Portanto o objetivo principal deste estudo foi analisar o desenvolvimento de crianças autistas nas aulas de Educação Física do projeto da associação AAGD.

2 METODOLOGIA

O estudo é caracterizado como pesquisa documental que é entendido por Severino (2007, p.122) como:

[...] fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

A Associação dos Pais e Amigos dos Autistas é uma entidade sem fins lucrativos localizada na cidade de Dourados-MS. Tem como o objetivo promover instrumentos que possam possibilitar um melhor desenvolvimento e inclusão das pessoas com Autismo. Um



desses projetos é o de Ginástica Olímpica, que ainda se encontra como projeto de Educação Física pois vem trabalhando com o aprimoramento de habilidades como coordenação motora fina e grossa, equilíbrio, lateralidade, noção de tempo e espaço, atenção, força entre outras. Portanto, neste estudo descrevemos o ambiente de pesquisa como Projeto de Educação Física e não Projeto de Ginástica Olímpica.

Os sujeitos da pesquisa foram 26 crianças e adolescente com Transtorno do Espectro Autista com idades de 3 a 19 anos da associação para Autistas da cidade de Dourados-MS.

Os documentos analisados foram os relatórios semestrais de desenvolvimento dos alunos nas aulas do projeto de Educação Física. Dois relatórios por aluno, do primeiro e segundo semestre do ano de 2016, destacando aspectos de interação social, coordenação motora, autonomia e comando de voz, classificados em regular (R), bom (B) e ótimo (O) de acordo com o resultado de cada aluno. O aspecto de interação social se refere a relação e o contato desses indivíduos com os professores e colegas modificando assim seu comportamento, a coordenação motora avaliou o desenvolvimento motor dos alunos durante o semestre, a autonomia está presente quando o aluno consegue realizar as atividades sem nenhuma ajuda do professor e o aspecto de comando de voz se refere a concentração e atenção do aluno a ouvir o comando do professor e realizar o mesmo.

Segundo os relatórios produzidos nas aulas do projeto de Educação Física, algumas das atividades de ginástica oferecidas aos alunos foram: 1) trabalho de rolamento sobre a bola e condução da mesma entre cones e obstáculos; 2) trabalho com bambolê saltando entre os espaços demarcados, jogar e lançar cones e circular pelo corpo; 3) trabalho com saltos, atuando em conjunto com o desenvolvimento dos membros inferiores como caminhar na ponta dos pés. 4) trabalho desenvolvendo habilidades como coordenação motora fina e grossa, equilíbrio, lateralidade e noção de espaço, concentração e força.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

TABELA 1. Relatório do 1º semestre 2016

<i>Aspectos</i>	<i>R</i>	<i>B</i>	<i>O</i>
<i>Interação social</i>	4	16	6
<i>Coordenação motora</i>	3	19	4



<i>Autonomia</i>	12	10	4
<i>Comando de voz</i>	14	8	4

Observa-se na tabela 1 que, em relação ao aspecto Interação social, 4 alunos apresentaram desenvolvimento Regular, 16 alunos apresentaram desenvolvimento Bom e 6 alunos apresentaram desenvolvimento Ótimo. No aspecto de Coordenação motora 3 alunos apresentaram desenvolvimento Regular, 19 alunos apresentaram desenvolvimento Bom e 4 alunos apresentaram desenvolvimento Ótimo. No aspecto da Autonomia 12 alunos apresentaram desenvolvimento Regular, 10 alunos apresentaram desenvolvimento Bom e 4 apresentaram desenvolvimento Ótimo. No aspecto de comando de voz 14 alunos apresentaram desenvolvimento Regular, 8 alunos apresentaram-se como Bom e 4 alunos como Ótimo.

No primeiro semestre os aspectos de Autonomia e Comando de voz foram os que apresentaram um nível mais elevado de alunos considerados como Regular pois os mesmos estavam começando a vivenciar as atividades das aulas do projeto.

De acordo com Tomé (2007), a implantação da Educação Física no ensino dos autistas, favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e possibilita uma melhora na qualidade de vida desses sujeitos. No entanto, para uma atividade eficaz na aprendizagem do autista é necessário conhecer cada aluno de maneira individual, sabendo dos seus interesses, de suas habilidades motoras e de suas capacidades comunicativas.

TABELA 2. Relatório 2º semestre

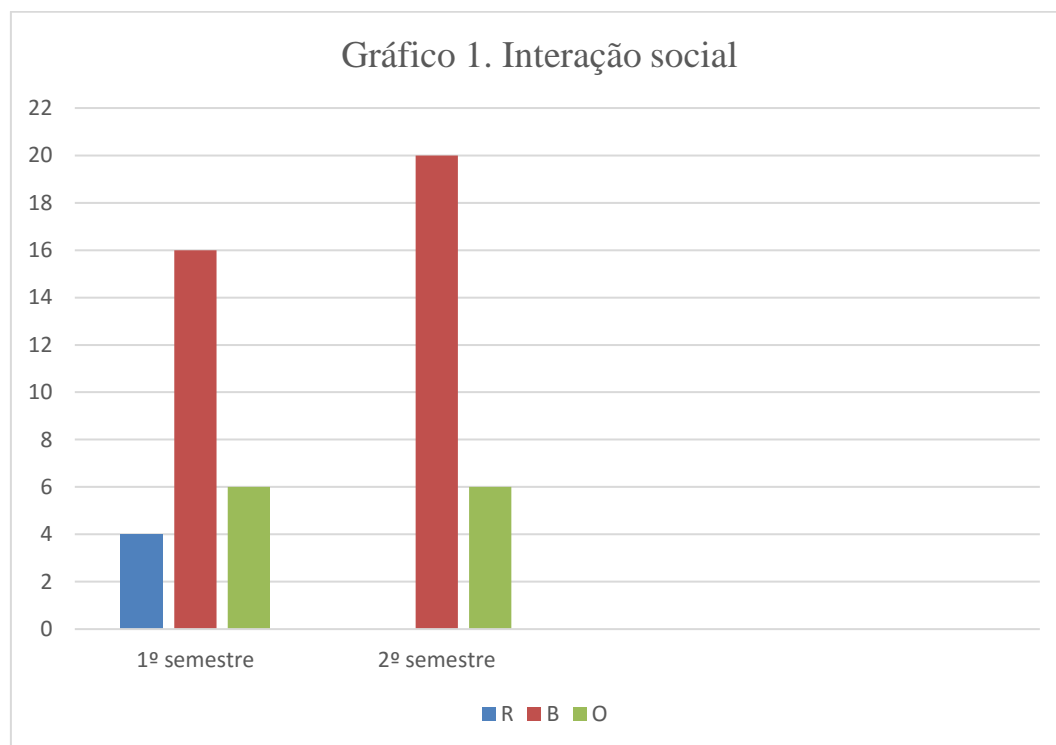
<i>Aspectos</i>	<i>R</i>	<i>B</i>	<i>O</i>
<i>Interação social</i>	0	20	6
<i>Coordenação motora</i>	0	22	4
<i>Autonomia</i>	6	15	5
<i>Comando de voz</i>	6	14	6

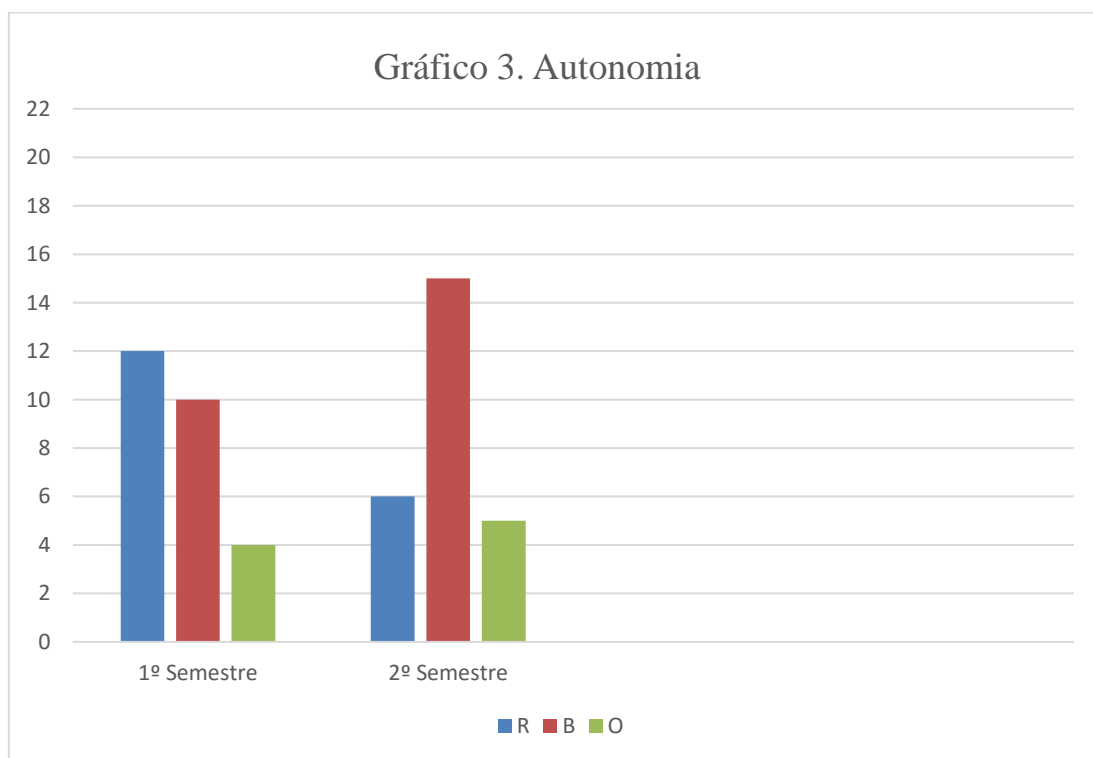
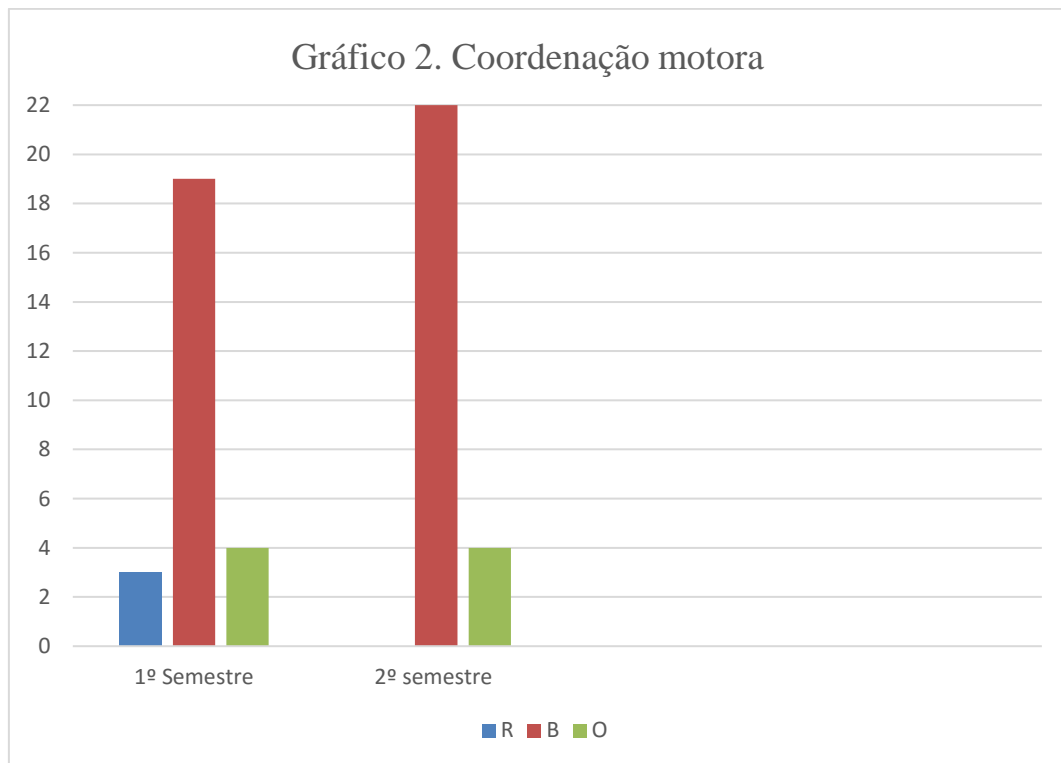


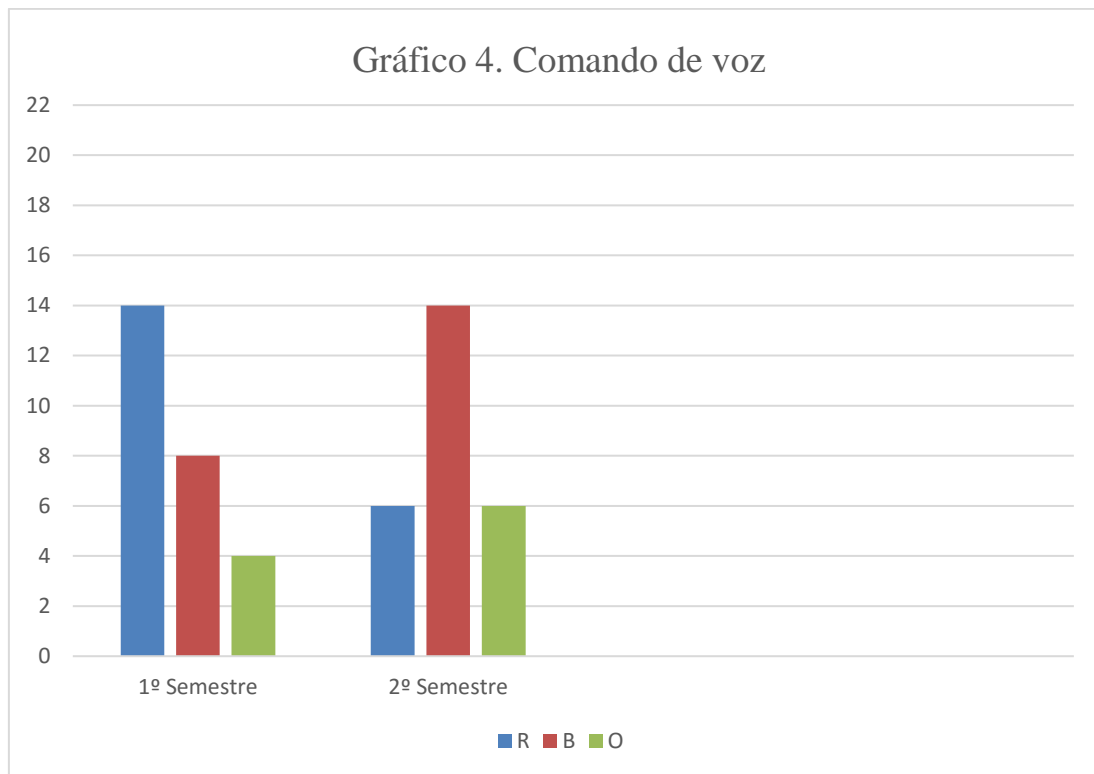
Observa-se na tabela do segundo semestre que, em relação ao aspecto de Interação social nenhum aluno apresentou desenvolvimento Regular, 20 alunos apresentaram desenvolvimento Bom e 6 alunos apresentaram desenvolvimento Ótimo. No aspecto de Coordenação motora nenhum aluno apresentou desenvolvimento Regular, 22 apresentaram desenvolvimento Bom e 4 Apresentaram desenvolvimento Ótimo. Na Autonomia 6 alunos apresentaram desenvolvimento Regular, 15 Alunos apresentaram desenvolvimento Bom e 5 alunos apresentaram desenvolvimento Ótimo. No último aspecto de comando de voz 6 alunos apresentaram desenvolvimento Regular, 14 alunos apresentaram desenvolvimento Bom e 6 alunos apresentaram desenvolvimento Ótimos.

Nota-se a melhora em relação ao relatório do primeiro semestre em todos os aspectos, mas principalmente no aspecto de Interação social e Coordenação motora onde nenhum dos 26 alunos foi considerado como Regular. Alunos que antes apresentavam dificuldade em interagir com os professores ao realizar as atividades propostas melhoraram seu comportamento depois das aulas do projeto.

Tomé (2007), aconselha que o professor estimule este indivíduo até que ele consiga adquirir independência no movimento desejado, tendo como objetivo executar a tarefa sozinho ou com o mínimo de ajuda possível (LOPES, 1995 apud TOMÉ, 2007).







Os gráficos acima do primeiro e segundo semestres deixam mais visíveis as diferenças de resultados em todos os aspectos. Destacamos que os níveis Regular dos aspectos Interação social e Coordenação motora não são visualizados no 2º semestre, mostrando a melhora dos alunos nesses aspectos ao decorrer do ano nas aulas de Educação Física. Destacando também, o aspecto de Autonomia onde os resultados obtidos constatarem um aumento no segundo semestre e a diminuição dos valores nos demais aspectos.

De acordo com Bracht (2002), atuando pelo campo da EF percebemos possibilidades de ver e ouvir estes corpos. Articulando conhecimentos específicos de uma disciplina que tem responsabilidade social diante de seus sujeitos.

Desta forma, a Educação Física como componente curricular com base em atividades motoras e pedagógicas, torna-se um meio de promoção da aprendizagem da “criança com deficiência”, inclusive as crianças e os adolescentes autistas, favorecendo o desempenho educacional e motor da criança, relacionando-se com a área psicopedagógica no processo de ensino-aprendizagem das mesmas, provocando, assim, uma mudança no desenvolvimento cognitivo. Com isso, a relação da Educação Física com as áreas educacionais e psicopedagógicas no processo de ensino-aprendizagem de crianças com deficiência tem totais condições de favorecer o desenvolvimento cognitivo das mesmas. (BEZERRA, 2012).



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo possibilitou o acompanhamento das crianças autistas nas aulas do projeto de Educação Física da Associação dos Pais e Amigos dos Autistas (AAGD), onde as atividades propostas contribuíram no desenvolvimento e na melhora do comportamento dessas crianças. Além disso, também permitiu a realização de uma análise dos relatórios do primeiro e segundo semestre de 2016 para obter dados mais consistentes com os resultados dos alunos em relação aos aspectos de interação social, coordenação motora, autonomia e comando de voz.

Ao analisar os dois momentos do ano, verificou-se que os aspectos de interação social e coordenação motora foram os que mais apresentaram melhora em seus resultados de um semestre para o outro. Verificou-se assim a importância das aulas do projeto de Educação Física serem parte das terapias e tratamentos na vida dessas crianças. Constatou-se a melhora do comportamento dos autistas em relação aos aspectos sociais, motores e cognitivos a partir da prática da Educação Física.

Sugere-se como propostas para outras pesquisas investigações sobre a influência de outros aspectos nas características do autismo, como estudos sobre o baixo desempenho de alguns sujeitos indicados por este estudo, como forma de pesquisa-ação ou até mesmo estudo de caso, tanto sob um olhar dos professores como dos familiares. Contribuindo para um maior conhecimento na área da Educação Especial ainda tão pouco estudada.

REFERÊNCIAS

AAGD – Associação de pais e amigos dos autistas da grande Dourados, 2016. Documentos não publicados, arquivos da AAGD

BEZERRA, Tiago Lopes. **Educação inclusiva e autismo: a educação física Como possibilidade educacional**. Editora Realize. Paraíba – PB, 2012.

BRACHT, Valter. **A Prática Pedagógica em Educação Física: A Mudança A Partir da Pesquisa Ação**. Rev. Bras. Cienc. Esporte. Campinas, v. 23, n. 2, p. 9-29, jan., 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. 2001

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo**. Brasília, 2012. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 14 Abr. 2016



_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 14 Abr.2016

CAETANO, Joyce. BARROS, Daniela. **Educação física como meio facilitador do desenvolvimento psicomotor do indivíduo com autismo**. Revista de trabalhos acadêmicos, n.º. 04 jornada científica - Brasil – 2011.

DAVID, A. et al. **A prática regular de ginástica artística na minimização dos sintomas recorrentes do autismo em crianças: a perspectiva dos professores**. Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida. Vol.8, N.º. 3, 2016.

FALKENBACH, A. P., DIESEL, D. e OLIVEIRA, L. C. **O jogo da criança autista nas sessões de psicomotricidade relacional**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas-SP, v. 31, n. 2, p. 203-214, janeiro 2010.

FERNANDES, Denize. **Relatórios de desenvolvimento nas aulas de ginástica**. AAGD, 2016. Documentos não publicados, arquivos da AAGD

MAROCCO, V. e REZER, C. R. **Educação Física e Autismo: relações de conhecimento**. In: Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 5, 2010, Santa Catarina. Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/viewFile/1967/1056>. Acesso em: 07 de junho de 2017

SANTOS, José Ivanildo Ferreira dos. **Educação Especial: inclusão escolar da criança autista**. Editora All Print. São Paulo - SP, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, G. FACHADA, R. **Atividade física para crianças autistas. Reconstruindo a base sócio familiar**. Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, N.º 173, Octubre de 2012

TOMÉ, Maycon Cleber. **Educação Física como Auxiliar no Desenvolvimento Cognitivo e Corporal de Autistas. Movimento & Percepção**. Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 8, n. 11, p. 231-248, jul/dez 2007.